



LIÇÕES

IAN MCEWAN

Lições

Tradução
Jorio Dauster



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2022 by Ian McEwan

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Lessons

Capa

Alceu Chiesorin Nunes, inspirado no design de capa de
Suzanne Dean/ Penguin Random House UK

Ilustração de capa

Tina Berning

Preparação

Beatriz Antunes

Revisão

Camila Saraiva

Paula Queiroz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

McEwan, Ian

Lições / Ian McEwan ; tradução Jorio Dauster. —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2022.

Título original: Lessons.

ISBN 978-65-5921-121-0

1. Ficção inglesa 1. Título.

22-118379

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

*Para minha irmã, Margy Hopkins, e
meus irmãos, Jim Wort e David Sharp*

Primeiro sentimos. Depois caímos.

James Joyce, *Finnegans Wake*

PARTE I

Um

Isso era a recordação de um insone, não um sonho. Era a lição de piano outra vez — um assoalho com ladrilhos cor de laranja, uma janela alta, um piano novo numa salinha vazia perto da enfermaria. Aos onze anos, ele tentava tocar uma versão simplificada daquilo que outros conhecem como o primeiro prelúdio de Bach do livro um do *Cravo bem temperado*. Mas não sabia de nada disso. Não se perguntou se era uma obra famosa ou obscura. Não tinha quando nem onde. Era incapaz de conceber que alguém algum dia se dera ao trabalho de escrevê-la. A música simplesmente estava ali, coisa de escola, ou sombria como uma floresta de pinheiros no inverno, só dele, seu labirinto privado de tristeza fria. Nunca o deixaria ir embora.

A professora estava sentada ao lado dele no banco comprido. Cara redonda, ereta, perfumada, rigorosa. Sua beleza permanecia oculta sob seu jeito de ser: nunca exibia uma expressão de mau humor ou alegria. Alguns meninos diziam que era louca, mas ele duvidava disso.

Cometeu um erro no mesmo lugar onde sempre errava, e

ela se inclinou para ficar mais próxima e lhe mostrar. O braço era firme e quente em contato com seu ombro, as mãos, as unhas pintadas logo acima do colo. Ele sentiu um terrível formigamento que sugava sua atenção.

“Ouça. É um som simples, ondulante.”

Mas quando ela tocou, ele não ouviu nenhum som simples e ondulante. O perfume invadiu seus sentidos e o ensurdeceu. Era uma fragrância redonda e enjoativa, como um objeto duro, uma pedra de rio lisa, penetrando em seus pensamentos. Três anos depois ele aprendeu que era água de rosas.

“Tente de novo”, ela disse num tom crescente de alerta. Era um ser musical, ele não. Sabia que a mente dela estava em outro lugar e que a aborrecia com sua insignificância — outro menino sujo de tinta de um colégio interno. Seus dedos apertavam as teclas mudas. Ele podia ver o lugar ruim na página antes de chegar lá, estava acontecendo antes de acontecer, o erro vinha em sua direção, braços abertos como uma mãe pronta a abraçá-lo e erguê-lo, sempre o mesmo erro vindo buscá-lo sem a promessa de um beijo. E assim aconteceu. Seu polegar tinha vida própria.

Ouviram juntos as notas erradas se dissiparem no silêncio sibilante.

“Desculpe”, ele sussurrou para si mesmo.

O desprazer da professora veio com uma rápida expulsão de ar pelas narinas, um fungar invertido que já ouvira antes. Os dedos dela encontraram a parte de dentro de sua perna, junto à bainha do short cinza, e o beliscaram com força. Naquela noite haveria ali um machucadinho azul. O toque era frio quando a mão subiu sob o short até onde o elástico encontrava sua pele. Ele desceu atabalhoadamente do banco e ficou de pé, ruborizado.

“Sente-se. Vai começar de novo!”

Sua severidade varreu o que acabara de acontecer. Desapareceu, e ele já duvidava da recordação que tinha. Hesitou diante

de mais um daqueles atordoantes encontros com a maneira de ser dos adultos. Nunca lhe contavam o que sabiam. Escondiam de você os limites de sua ignorância. O que quer que tenha acontecido devia ser culpa dele, e não era da sua natureza desobedecer. Por isso se sentou, ergueu a cabeça à altura da emburrada coluna de claves de sol penduradas na página e começou outra vez, ainda mais inseguro do que antes. Não haveria ondulações, não naquela floresta. Ele já se aproximava do mesmo lugar ruim. O desastre era inevitável, o que foi confirmado quando o polegar idiota baixou no momento em que devia ficar imóvel. Ele parou. A dissonância sustentada soou como seu nome chamado em voz alta. Ela pegou seu queixo entre o polegar e o indicador, puxando o rosto para perto do dela. Até seu hálito era perfumado. Sem desgrudar os olhos dos dele, apanhou a régua de trinta centímetros sobre a tampa do piano. Não iria deixar que ela batesse nele, e, ao deslizar para fora do banco, não viu o que estava para acontecer. Ela o acertou no joelho, com a borda e não a parte chata da régua, e aquilo doeu. Ele recuou um passo.

“Você vai fazer o que lhe for mandado e se sentar.”

Sua perna estava queimando, mas ele não ia tocá-la com a mão, ainda não. Olhou-a pela última vez, para sua beleza, sua blusa com a gola alta fechada com botões de madrepérola, para as dobras diagonais em leque formadas no tecido pelos seios dela, seu olhar firme e correto.

Fugiu dela ao longo de uma colunata de meses até ter treze anos e ser tarde da noite. Durante muito tempo, ela estivera presente em seus devaneios antes de dormir, mas dessa vez era diferente, a sensação feroz, o frio tomando conta de seu estômago, o que imaginava ser o que as pessoas chamavam de êxtase. Tudo era novo, bom ou mau, e tudo era dele. Nada havia sido mais excitante do que ultrapassar o ponto sem retorno. Tarde demais, não tinha como voltar atrás, e quem se importava? Pasmao, ele gozou na mão

pela primeira vez. Depois de recuperado, se sentou no escuro, saiu da cama e foi até o banheiro do dormitório, o “pântano”, examinar o pálido glóbulo em sua palma, a palma de uma criança.

Nesse ponto, suas recordações descambavam para o devaneio. Através de um universo reluzente, ele chegava cada vez mais perto do pico montanhoso que se elevava de um oceano distante, como aquele que o gorducho Cortés viu num poema que toda a turma, de castigo, foi obrigada a copiar vinte e cinco vezes. Um mar de criaturas que se contorciam, menores que girinos, milhões e milhões delas formando uma massa única que ia até a curva do horizonte. Ainda mais próximo, encontrou e seguiu determinado indivíduo que nadava em meio à multidão seguindo seu caminho, empurrando os irmãos e sendo por eles empurrado ao longo de túneis lisos e rosados, ultrapassando os demais à medida que tombavam exaustos. Por fim se viu sozinho diante de um disco, magnífico como um sol, que girava lentamente na direção do ponteiro dos relógios, calmo e preñado de conhecimento, aguardando indiferente. Não fosse ele, seria outro. Ao penetrar pelas grossas cortinas cor de sangue, veio de longe um urro, e depois o clarão do rosto de um bebê chorando.

Era um adulto, gostava de pensar em si mesmo como um poeta, agora de ressaca e com uma barba de cinco dias, erguendo-se das águas rasas de um sono recente e cambaleando do quarto de dormir até o quarto do bebê, onde tirou seu filho do berço e o apertou contra o corpo.

Depois foi para o andar de baixo com a criança adormecida encostada ao peito e enrolada num cobertor. Uma cadeira de balanço e, ao lado dela, numa mesinha baixa, o livro sobre os problemas mundiais que comprara e sabia que nunca iria ler. Ele tinha seus próprios problemas. Parado em frente às portas-balcão, ficou contemplando um estreito jardim londrino com uma macieira nua na úmida e brumosa madrugada. À esquerda

havia um carrinho de mão verde, emborcado e esquecido desde algum dia de verão. Mais perto, uma mesa de metal redonda que ele sempre tencionara pintar. Uma primavera fria e tardia ocultava a morte da árvore, pois não cresceriam folhas naquele ano. Em julho, durante a seca que durou três semanas, ele poderia ter salvado a árvore, mas estava proibido de usar a mangueira. E estava ocupado demais para carregar baldes de água pelo jardim.

Seus olhos se fechavam e ele se inclinava para trás, relembrando mais uma vez, não dormindo. Ali estava o prelúdio como devia ser tocado. Fazia tempo que não o visitava, agora estava ali de novo, aos onze anos, caminhando com outros trinta meninos na direção de uma velha cabana Nissen. Muito jovens para saber como eram infelizes, muito frio para poderem falar. A relutância coletiva fazia com que se movessem como um corpo de baile ritmado ao descerem em fila, quietos, por um gramado íngreme, esperando do lado de fora, em meio à neblina, a aula começar.

Lá dentro, bem no centro, havia um aquecedor a carvão e, depois de se aquecerem, a bagunça começava. Era possível ali, e não em qualquer outro lugar, porque o professor de latim, um escocês baixinho e bondoso, era incapaz de controlar a turma. No quadro-negro, na caligrafia do mestre: *Exspectata dies aderat*. Abaixo, nas letras desordenadas de um menino: “chegara o dia tão esperado”. Na mesma cabana, lhes disseram, em tempos mais sisudos homens se prepararam para a guerra no mar aprendendo a matemática de plantar minas. Era o que estudavam. Agora, um menino grandalhão, famoso encenqueiro, caminhou com passos firmes até a frente da sala para se curvar, rindo, e oferecer o satírico traseiro para receber umas pancadinhas inofensivas dadas com um sapato de lona pelo gentil escocês. Ouviram-se vivas ao encenqueiro, pois ninguém mais ousaria tanto.

À medida que a barulheira e o caos aumentavam, tendo alguma coisa branca sido jogada de uma escrivaninha para outra,

ele se lembrou de que era segunda-feira, o tão esperado e temido dia — de novo. Trazia no pulso o grosso relógio que seu pai lhe dera. *Não perca isso*. Em trinta e dois minutos começaria a lição de piano. Ele tentou não pensar na professora porque não havia treinado. Escuro e assustador demais o local na floresta onde seu polegar descia sem controle. Caso pensasse na mãe, se sentia fraco. Como ela estava muito longe e não poderia ajudá-lo, a pôs de lado. Ninguém tinha a capacidade de impedir que a segunda-feira chegasse. O machucado da semana passada estava se apagando, e o que era lembrar o perfume da professora de piano? Não o mesmo que senti-lo. Mais como um desenho sem cores, ou um lugar, ou um sentimento de um lugar, ou alguma coisa entre esses dois extremos. Mais além do receio, havia outro elemento: excitação. Que também precisava ser posto de lado.

Para Roland Baines, o homem carente de sono na cadeira de balanço, a cidade que despertava não passava de um longínquo ruído farfalhante, a cada minuto mais alto. Hora do rush. Expulsas de seus sonhos, de suas camas, as pessoas se deslocavam pelas ruas como o vento. Ali, ele nada mais tinha a fazer senão servir como cama para o filho. Sentia o coração do bebê batendo contra seu peito, quase duas vezes mais rápido do que o seu próprio. Sua pulsação entrava e saía de sincronia, e um dia se afastaria de vez. Nunca ficariam tão próximos. Ele o conheceria menos bem, e mais tarde ainda menos. Outros conheceriam Lawrence melhor do que ele, o que estava fazendo e dizendo, tornando-se mais próximo de algum amigo, depois da amante. Chorando às vezes, sozinho. Do pai, visitas ocasionais, um abraço sincero, notícias do trabalho, da família, comentários políticos, e adeus. Até agora, sabia tudo sobre ele, onde estava a cada minuto, em cada lugar. Ele era a cama do bebê e seu deus. O longo afastamento, gostasse ou não, podia ser a essência da paternidade, mas naquele momento era inconcebível.

Muitos anos haviam se passado desde que ele deixara de ser o menino de onze anos com a marca oval secreta na parte interna da coxa. Naquela noite, a examinara depois que as luzes foram apagadas, baixando a calça do pijama no “pântano”, curvando-se para ver melhor. Ali estava a impressão dos dedos dela, indicador e polegar, sua assinatura, a marca impressa que tornava aquele momento verdadeiro. Uma espécie de fotografia. Não doeu ao passar seu próprio dedo pelas bordas onde a pele clara ganhava tons esverdeados, tendendo para o azul. Apertou com força bem no meio, onde estava quase preto. Não doeu.

Nas semanas seguintes ao desaparecimento de sua mulher, às visitas da polícia e à vedação da casa, ele tentou muitas vezes compreender o assombro daquela noite em que de repente ficou sozinho. A fadiga e o estresse o haviam empurrado de volta às origens, aos primórdios, ao passado infinito. Teria sido pior, caso soubesse o que vinha pela frente — repetidas visitas a um escritório decrepito, horas de espera ao lado de centenas de outros em bancos de plástico aparafusados ao chão até que seu número fosse chamado. Múltiplas entrevistas defendendo sua causa enquanto Lawrence H. Baines se contorcia e babava em seu colo. Por fim, recebeu uma ajuda do governo, o estipêndio pago aos pais solteiros, um óbolo para os viúvos, embora ela não estivesse morta. Quando Lawrence completasse um ano, teria direito a uma vaga numa creche e seu pai, a um emprego — num call center ou coisa semelhante. Professor de Escuta Útil. Completamente razoável. Será que ele permitiria que outros suassem para sustentá-lo enquanto passava as tardes debruçado sobre sextilhas? Não era uma contradição. Era um acerto, um contrato que ele aceitou — e odiou.

O que aconteceu em uma salinha ao lado da enfermaria muito tempo atrás foi tão calamitoso quanto seu problema atual, mas

agora, como antes, ele seguiu em frente aparentando estar quase bem. O que podia destruí-lo vinha de dentro, o sentimento de estar errado. Se quando criança ele havia desviado daquilo, por que se entregar à culpa agora? Culpe ela, não você mesmo. Ele veio a conhecer de cor seus cartões-postais e seu bilhete. Por entendimento mútuo, deixavam bilhetes na mesa da cozinha. Ela deixara o seu em cima do travesseiro dele. Como um chocolate amargo de hotel. *Não tente me encontrar. Estou bem. Não é culpa sua. Amo você mas isso é definitivo. Tenho vivido uma vida errada. Por favor, tente me perdoar.* Na cama, no lado dela, as chaves da casa.

Que tipo de amor era esse? Uma vida errada era ter parido? Era em geral depois de exagerar na bebida que ele se fixava com ódio na frase que ela deixara de completar. “Por favor, tente me perdoar”, quando devia ter acrescentado: “como eu me perdoei”. A autocomiseração do fugitivo contrastava com a clareza amarga do abandonado. Mais intensa a cada gole de uísque. Outro dedo invisível que acenava. Ele a odiava sempre mais, cada pensamento uma repetição, uma variação sobre o tema da deserção egoísta. Depois de uma hora de reflexão judicial, ele sabia que o ponto da virada não se encontrava longe, o pivô do trabalho mental daquela noite. Quase lá, mais uma dose. Seus pensamentos iam se tornando mais lentos, até pararem sem razão, como o trem do poema que a turma decorava para não ser punida. Um dia quente numa parada em Gloucestershire e a quietude em meio à qual alguém tosse. Então a noção lúcida retornava, tão clara e brilhante quanto o canto de um pássaro nas redondezas. Enfim bêbado, estava livre para amá-la de novo, para desejar que voltasse. Sua beleza remota e seráfica, a fragilidade das mãos de ossos pequenos, o ligeiro sotaque graças à infância passada na Alemanha, a voz um pouco rouca, como se acabasse de gritar. Embora ela nunca gritasse. Ela o amava, o culpado era ele, dizer no bilhete que ele não era o responsável não passava de uma delicadeza. Como não

sabia que parcela defeituosa de seu ser devia ser acusada, então devia ser ele por inteiro.

Vagamente contrito, envolto por uma nuvem doce e triste, ele subia a escada ruminando para ver como estava o bebê, dormia caído de lado sobre a cama, às vezes de roupa, até despertar na madrugada árida exausto e alerta, furioso e sedento, listando no escuro suas virtudes e como tinha sido injustiçado. Ganhava quase o mesmo que ela, ajudou a cuidar de Lawrence inclusive à noite, era fiel, carinhoso, nunca deu uma de gênio poético guiado por regras especiais. Mas devia ser um tolo, um trouxa, e por isso ela se foi, quem sabe com um homem de verdade. Não, não, ele era bom, ele era bom e a odiava. Isso era *definitivo*. Havia dado a volta toda — mais uma vez. Agora, o mais perto de dormir que ele chegaria era deitar-se de costas, olhos fechados, atento a qualquer som vindo de Lawrence, perdido em recordações, desejos, invenções, até mesmo versos passáveis que não tinha força de vontade para escrever, e isso por uma hora, duas, três, até o sol nascer. Logo estaria revivendo a cena dos policiais, a suspeita sobre ele, a nuvem tóxica contra a qual vedara a casa, perguntando a todo instante se ainda havia alguma falha a reforçar. Uma noite, esse processo sem palavras trouxe de volta a sua mente a lição de piano. O cômodo ecoante em que entrou por acaso e onde foi forçado a se manter vigilante.

Por conta do latim e do francês, ele estudou o tempo dos verbos. Sempre haviam estado lá, passado, presente, futuro, e ele não tinha reparado como a linguagem dividia o tempo. Agora sabia. A professora de piano estava usando o presente contínuo a fim de condicionar o futuro próximo. “Você está sentando com as costas retas, seu queixo está erguido. Você está mantendo os cotovelos em ângulo reto. Os dedos estão prontos, ligeiramente dobrados, e você está deixando seus pulsos relaxados. Está olhando para a página.”

Sabia o que era um ângulo reto. Tempos verbais, ângulos, o constante soletrar. Elementos do mundo real que seu pai o mandara aprender a quase quatro mil quilômetros de distância da mãe. Questões de interesse dos adultos, milhões delas, que lhe pertenceriam. Chegando da aula de latim ofegante, na hora marcada, a professora de piano o interrogou sobre sua semana de treinamento. Ele mentiu. Voltaram então a sentar-se bem perto. O perfume o envolveu. A marca que ela fizera em sua perna na semana anterior havia se apagado, a recordação que guardava do incidente era incerta. Mas se ela tentasse machucá-lo de novo, ele sairia correndo da sala. Fingir que treinara por três horas na semana era uma espécie de força, um murmúrio de excitação em seu peito. Na verdade, não treinou nem três minutos, zero. Nunca tinha enganado uma mulher antes. Mentira para o pai, a quem temia, para se livrar de encrencas, mas à mãe sempre dizia a verdade.

A professora limpou a garganta com delicadeza. Indicação de que acreditava nele. Ou talvez não.

Sussurrou: “Muito bem, pode começar”.

O livro de peças fáceis para principiantes estava aberto bem no meio. Era a primeira vez que via os três grampos na dobra que unia as páginas. Não eram notas que ele precisasse tocar — e esse pensamento bobo quase o fez sorrir. A rigorosa curva no alto da clave de sol, a clave de fá enroscada como o feto de um coelho em seu livro de biologia, as notas negras, as brancas que eram sustentadas por mais tempo, aquela suja e surrada página dupla que era a sua punição especial. Nada disso parecia o ameaçar ou mesmo lhe dizer respeito agora.

Quando começou, a primeira nota soou duas vezes mais alto que a segunda. Seguiu cautelosamente para a terceira, a quarta, e ganhou velocidade. Depois sentiu que o que era cautela se tornou furtividade. O fato de não treinar o havia libertado. Obedeceu

às notas, mão esquerda e mão direita ignorando as indicações do uso de dedos feitas a lápis. Nada tinha a lembrar senão apertar as teclas na ordem correta. O trecho ruim chegou de repente, mas o polegar esquerdo se esqueceu de baixar, e então já era tarde demais, ele tinha escapado, estava na outra margem, movendo-se suavemente pelo terreno plano da floresta onde a luz e o espaço eram mais limpos e onde pensou ter distinguido uma melodia, suspensa como uma piada, pairando acima da marcha ordenada de sons.

Seguindo as instruções, dois, talvez três, cada segundo exigia toda a sua concentração. Esqueceu-se de si mesmo e até dela. O tempo e o espaço se dissolveram. O piano desapareceu junto com a própria existência. Foi como se despertasse do sono de toda uma noite quando se viu tocando sem dificuldade, com ambas as mãos, um acorde aberto. Entretanto não afastou as mãos como a breve na partitura mandava fazer. O acorde ressoou e então se dissipou pela salinha nua.

Ele não levantou as mãos do piano nem quando a mão dela apertou sua cabeça para girar seu rosto na direção do dela. Nada na expressão da professora lhe disse o que estava por vir.

Ela disse baixinho:

“Você...”

Só então ele tirou as mãos das teclas.

“Seu menininho...”

Num complicado movimento, ela abaixou e inclinou a cabeça de modo que seu rosto chegasse perto do dele num mergulho que terminou no beijo, seus lábios cobrindo os dele, um beijo macio, prolongado. Ele nem resistiu nem retribuiu. Aconteceu, e ele deixou acontecer, sem sentir nada enquanto durou. Apenas em retrospecto, quando viveu, reviveu e recriou o momento a sós, ele avaliou sua importância. Durante, os lábios dela estavam grudados aos seus e ele aguardou, entorpecido, que o momento pas-

sasse. Então ocorreu um súbito transtorno e tudo terminou. Uma sombra ou um movimento fugidio na janela alta. A professora se afastou dele e virou o rosto para ver, como ele. Ambos viram ou pressentiram alguma coisa ao mesmo tempo, na periferia da visão. Seria um rosto, um rosto desaprovador e um ombro? Mas a pequena janela quadrada só lhes mostrava farrapos de nuvens e retalhos do azul pálido de inverno. Ele sabia que, de fora, a janela era alta demais até mesmo para ser alcançada por uma pessoa alta. Era um pássaro, provavelmente vindo do pombal no velho prédio da estrebaria. Mas a professora e o pupilo tinham se separado num gesto cheio de culpa e, embora entendesse pouco, ele sabia que a partir de agora estavam unidos por um segredo. A janela vazia invocara o mundo das pessoas lá fora. Ele também entendeu como seria indelicado levar a mão à boca para aliviar a sensação de formigamento causada pela umidade que secava.

Voltando a encará-lo, ela disse com uma voz controlada e tranquilizadora que sugeria não ter preocupação com a bisbillhotice alheia, olhando no fundo dos olhos dele, a voz bondosa usando o tempo futuro para fazer o presente parecer razoável. E agora era. Mas ele nunca a ouvira falar tanto:

“Roland, daqui a duas semanas haverá um meio-feriado. Cai numa sexta-feira. Quero que ouça bem. Você vai de bicicleta até a minha cidadezinha. Erwarton. Para quem vem de Holbrook, a minha casa fica depois do pub, à direita, porta verde. Você deve chegar antes do almoço. Entendeu?”

Ele fez que sim com a cabeça, perplexo. Chocado por ter de atravessar a península de bicicleta, por caminhos estreitos e estradinhas vicinais até a pequena cidade dela para almoçar, quando poderia comer na escola. Tudo soava estranho. Ao mesmo tempo, a despeito da confusão, ou por causa dela, desejava muito ficar a sós para sentir o beijo e pensar sobre ele.

“Vou mandar um cartão para que se lembre. A partir de ago-

ra você terá aulas com o sr. Clare. Não comigo. Vou dizer a ele que você está indo muito bem. Por isso, meu rapaz, vamos fazer as escalas em tom maior e menor com dois sustenidos.”

Mais fácil perguntar onde do que por quê. Para onde ela foi? Levou quatro horas para ele reportar o bilhete e o desaparecimento de Alissa à polícia. Seus amigos acharam que até mesmo duas horas era tempo demais. Ligue para eles agora! Resistiu, se opôs. Preferia pensar que ela poderia voltar a qualquer minuto. E também não queria que um estranho lesse o bilhete ou que a ausência fosse confirmada oficialmente. Para sua surpresa, veio uma pessoa no dia seguinte. Era um policial da delegacia do bairro, parecia apressado. Tomou nota de alguns detalhes, passou os olhos pelo bilhete de Alissa e disse que entraria em contato. Nada aconteceu durante uma semana, e nesse ínterim ele recebeu os quatro cartões-postais dela. O perito chegou sem avisar de manhã bem cedo num pequeno carro de patrulha, que estacionou ilegalmente na frente da casa. Tinha chovido sem parar, mas o homem não se importou com o rastro que seus sapatos deixaram no chão do corredor. O detetive Douglas Browne, com suas bochechas caídas, tinha o aspecto amistoso de um cachorrão de olhos castanhos. Sentou-se encurvado sobre a mesa da cozinha diante de Roland. Próximo às manzorras do detetive, cujas juntas eram cobertas de pelos negros, estavam seu caderno de notas, os cartões-postais e o bilhete deixado sobre o traveseiro. O casaco grosso, que ele não tirou, aumentava seu porte e acentuava o efeito canino. Em torno dos dois homens havia um monte de pratos e copos sujos, correspondência indesejada, contas, uma mamadeira quase vazia e as sobras do café da manhã de Lawrence junto a seu babador. Eram os anos da babação, como um amigo de Roland se referia àquele período da vida. Lawrence

estava sentado na cadeira alta, mais quieto do que costumava ser, contemplando perplexo aquele brutamontes e seus ombros enormes. Durante o encontro, em nenhum momento Browne mencionou a existência do bebê. Roland sentiu-se ligeiramente ofendido por conta do filho. Irrelevante. Os olhos castanhos do policial estavam fixados apenas no pai, e Roland foi obrigado a responder às perguntas de rotina. O casamento não estava em dificuldade — disse isso em voz mais alta do que tencionava. Nem um tostão tinha sido retirado da conta conjunta. Ainda estavam no período das férias, por isso a escola em que ela trabalhava não sabia da partida. Ela levou uma pequena mala preta. Seu casaco era verde. Ali estavam algumas fotografias, sua data de nascimento, o nome de seus pais e o endereço deles na Alemanha. Talvez ela estivesse usando uma boina.

O detetive interessou-se pelo cartão mais recente, de Munique. Roland achava que ela não conhecia ninguém lá. Em Berlim, sim, e também em Hanover e Hamburgo. Era uma mulher do norte luterano. Quando Browne ergueu uma sobrancelha, Roland explicou que Munique ficava no sul. Talvez fosse o nome de Lutero que ele deveria ter explicado. Mas o detetive olhou para o caderninho e fez outra pergunta. Não, disse Roland, ela nunca fez nada assim antes. Não, não tinha uma cópia do passaporte dela. Não, ela não parecia deprimida. Os pais dela moravam perto de Nienburg, uma cidadezinha no norte da Alemanha. Quando ele ligou para falar de outro assunto, ficou claro que ela não tinha ido para lá. E ele não disse nada. A mãe, com seu ressentimento crônico, teria entrado em erupção com essa notícia sobre sua filha única. Deserção. Como ela ousa? Mãe e filha brigavam com frequência. Mas os pais dela, assim como os dele, teriam de ser informados. Os três primeiros cartões-postais de Alissa, de Dover, Paris e Estrasburgo, chegaram no intervalo de quatro dias. O quarto, o de Munique, dois dias mais tarde. Desde então, nada.

O detetive Browne estudou os cartões novamente. Todos iguais. *Está tudo bem. Não se preocupe. Dê um beijo em Larry por mim. Alissa.* A invariância parecia insana ou hostil, bem como a despedida sem carinho. Um pedido de ajuda ou uma forma de insulto. A mesma caneta azul de ponta porosa, nenhuma data, carimbos de correio ilegíveis, exceto o de Dover, a mesma paisagem rotineira da cidade com pontes sobre o Sena, o Reno, o Isar. Rios poderosos. Ela vagava para o leste, cada vez mais longe de casa. Na noite anterior, prestes a cair no sono, Roland a invocou como a Ofélia de Millais, boiando nas águas claras e calmas do rio Isar, percorrendo a floresta Pupplinger Au com seus banhistas nus esparramados nas margens verdes como focas na praia, deslizando rio abaixo de costas, a cabeça à frente, despercebida e silenciosa ao passar por Munique, pelo Jardim Inglês, até alcançar o Danúbio; e ainda sem ser notada, correndo suavemente por Viena, Budapeste e Belgrado, atravessando dez nações de histórias ferozes às bordas do Império Romano até chegar aos céus brancos e aos intermináveis deltas pantanosos do Mar Negro, onde uma vez fizeram amor a sota-vento de um velho moinho de Letea Veche, à vista de um bando de pelicanos barulhentos perto de Isaccea. Somente dois anos atrás. Garças roxas, íbis reluzentes, um ganso-bravo. Até então, ele nunca se importara com pássaros. Naquela noite, antes de dormir, deslizou junto com ela até um lugar de felicidade selvagem, uma fonte. Nos últimos tempos, ele precisava fazer um esforço para se concentrar no presente. O passado vinha se tornando um canal que ligava a memória ao fantasiar incansável. Ele atribuía isso ao cansaço, à ressaca, à confusão.

Douglas Browne, em tom consolador, disse ao se curvar sobre o caderno de notas: “Quando se cansou de mim, minha mulher me pôs para fora”.

Roland começou a falar, mas Lawrence o interrompeu com um grasnido. Queria ser incluído. Roland se levantou para tirar o

bebê da cadeira e o acomodar no colo. Um novo ângulo, cara a cara com o gigante desconhecido, fez Lawrence silenciar. Ficou olhando fixamente para Browne, de boca aberta e babando. Ninguém sabe o que se passa na cabeça de uma criança de sete meses. Um vazio com sombras, um céu cinzento de inverno contra o qual as impressões — sons, visões, toques — explodem como fogos de artifício e formam arcos e cones de cores primárias, logo esquecidas e substituídas por outras, que também são esquecidas. Ou um lago em que tudo que cai desaparece, embora permaneça presente e irrecuperável na forma de silhuetas escuras na água profunda, exercendo seu poder gravitacional mesmo oitenta anos mais tarde, nos leitos de morte, nas derradeiras confissões, nas súplicas finais pelo amor perdido.

Depois que Alissa se foi, ele passou a procurar sinais de tristeza ou de dano no filho, encontrando-os a cada instante. Um bebê deve sentir falta da mãe, mas como, se ela não estiver em sua memória? Às vezes Lawrence ficava quieto por muito tempo. Em choque, entorpecido, cicatrizes se formando nas regiões inferiores do inconsciente, se é que esses lugares e processos existem. Na noite anterior, chorou muito forte. Furioso pelo que não podia ter, mesmo que tivesse esquecido o que era. Não o seio. Desde sempre tomou mamadeira, por insistência da mãe. Ela já devia estar planejando, Roland pensava em seus momentos ruins.

O detetive terminou de tomar notas. “Você sabe que, se encontrarmos Alissa, não poderemos dizer onde ela está a não ser que ela permita.”

“Você pode me dizer se ela está viva.”

Ele concordou com a cabeça e refletiu por um instante. “Em geral, quando uma esposa desaparecida está morta foi o marido que matou.”

“Então esperemos que esteja viva.”

Browne se acomodou melhor e se balançou para trás na cadeira, fingindo surpresa. Sorriu pela primeira vez. Parecia amigável. “Em geral é assim. Ele mata, esconde o corpo na New Forest, vamos dizer, num lugar deserto, uma cova rasa, comunica o desaparecimento — e aí...”

“Aí o quê?”

“Aí começa. De repente o cara se dá conta de que adorava a mulher. Que os dois se amavam. Sente falta dela e começa a acreditar na própria história. Ela deu no pé. Ou um psicopata a liquidou. Fica choroso, deprimido, depois se torna furioso. Ele não é um assassino, não está mentindo, não agora que vê as coisas de outro modo. Ela se foi e ele realmente *sente falta* dela. E para nós parece real. Parece honesto. Difícil resolver esses casos.”

A cabeça de Lawrence tombou sobre o peito do pai, começou a cochilar. Roland não queria que o detetive fosse embora ainda. Quando fosse, teria de arrumar a cozinha. Dar um jeito nos quartos, lavar a roupa, limpar o rastro de lama no corredor. Fazer uma lista de compras. Tudo que queria era dormir.

Ele disse:

“Ainda estou no estágio de sentir falta dela.”

“É só o começo, meu amigo.”

Ambos riram baixinho. Como se fosse engraçado e eles não passassem de velhos camaradas. Roland simpatizava com aquele rosto cansado, a expressão doce e abatida de um desgaste infinito. Ele respeitava o impulso do detetive de fazer confidências súbitas.

Após um silêncio, Roland perguntou:

“Por que ela te pôs para fora?”

“Eu trabalhava demais, bebia demais, chegava tarde toda noite. Ignorava ela, ignorava as crianças, três menininhos lindos, e tinha uma amiga de quem foram falar para ela.”

“Bem feito então.”

“Foi o que pensei. Eu estava quase me tornando um desses caras que têm duas famílias. A gente ouve falar neles. A antiga não sabe da nova, a nova tem ciúmes da antiga, e você fica correndo entre elas com um vergalhão de ferro em brasa enfiado no cu.”

“Agora você está com a nova.”

Browne suspirou profundamente pelas narinas enquanto afastava o olhar e coçava o pescoço. O inferno construído por iniciativa própria era um conceito interessante. Ninguém escapava de construir ao menos um durante a vida. Algumas vidas não eram outra coisa. O fato de que a infelicidade autoinfligida era uma extensão da personalidade não passava de uma tautologia. E Roland pensava com frequência nisso. Você constrói uma máquina de tortura e pula dentro dela. O ajuste perfeito e uma variedade de dores à disposição: certos empregos, um fraco por bebida ou drogas, o crime combinado com a propensão de ser pego. Uma religião austera era outra escolha. Todo um sistema político podia optar pelo infortúnio autoimposto — ele passara certo tempo em Berlim Oriental. Casamento, uma máquina para dois, oferecia imensas possibilidades, todas as variantes da *folie à deux*. Não havia quem não conhecesse alguns exemplos, e o de Roland era uma construção bem-acabada. Como sua amiga Daphne observou uma noite, muito antes de Alissa partir, quando ele confessou que vinha se sentindo deprimido há meses. “Você era brilhante nas aulas noturnas, Roland. Todas aquelas disciplinas! Mas queria ser o melhor do mundo em tudo que fazia. Piano, tênis, jornalismo, agora poesia. E essas são apenas as coisas que sei por acaso. Assim que você descobre que não é o melhor, desiste e fica se odiando. O mesmo com os relacionamentos. Você exige coisas demais, depois larga. Ou ela não consegue suportar sua busca pela perfeição e põe você para andar.”

Diante do silêncio do detetive, Roland reformulou a pergunta.

“A mulher antiga ou a nova, qual das duas você quer afinal?”

Sem fazer o menor ruído, Lawrence estava fazendo cocô enquanto dormia. O cheiro não era tão ruim. Uma das constatações da meia-idade é que você se acostuma rápido à merda de quem você ama. É uma regra geral.

Browne levou a pergunta a sério. Seu olhar varreu o cômodo, distraído. Viu as estantes de livros caóticas, pilhas de revistas, uma pipa quebrada em cima do armário. Depois, com os cotovelos sobre a mesa e a cabeça baixa, contemplou a textura das tábuas de pinho enquanto massageava a nuca com as duas mãos. Por fim, endireitou o corpo.

“O que eu quero realmente é um exemplar da sua caligrafia. Qualquer coisa. Uma lista de compras serve.”

Roland sentiu uma ondinha de náusea subir e descer. “Você acha que eu escrevi essas mensagens?”

Foi um erro ter pulado o café da manhã depois de uma noite pesada. Nem uma fatia de torrada com manteiga e mel para contrabalançar a hipoglicemia. Estava ocupado com Lawrence. Depois, as mãos trêmulas tinham feito o café ficar três vezes mais forte.

“Um bilhete para o entregador de leite seria o bastante.”

Browne tirou do bolso do casaco um objeto de couro quadrado preso a uma correia. Com resmungos e um suspiro de exasperação, libertou a câmera de seu velho estojo, tarefa que implicou fazer girar um parafuso prateado pequeno demais para seus dedos gordos. Era uma velha Leica, de 35 milímetros, prateada e preta, com amassados na superfície. Manteve os olhos fixos em Roland e deu um sorriso de lábios cerrados ao tirar a capa da lente.

Pôs-se de pé. Com exagerada atenção, enfileirou os quatro cartões e o bilhete. Depois de fotografá-los de frente e verso, com a câmera de volta no bolso, o detetive disse:

“Maravilha esse novo filme rápido. Serve para tudo. Interessado?”

“Já me interessei mais.” E Roland acrescentou ironicamente: “Quando era garoto”.

Browne tirou de outro bolso do casaco um maço de plásticos. Um a um, pegou os cartões e os pôs dentro de envelopes transparentes, que selou apertando a borda com os dedos. No quinto, pôs o bilhete que fora deixado em cima do travesseiro. *Não é culpa sua*. Sentou-se e fez uma pilha ordenada, acertando as pontas com as manzorras.

“Se não se importa, vou levar isso comigo.”

O coração de Roland batia tão forte que ele estava começando a se sentir recuperado.

“Me importo, sim.”

“Impressões digitais. Muito importante. Vai recebê-los de volta.”

“Todo mundo diz que as coisas se perdem nas delegacias.”

Browne sorriu. “Vamos dar uma volta pela casa. Precisamos de algum modelo da sua caligrafia, uma peça de roupa dela, alguma coisa que só tenha as impressões digitais dela e, ahn, o que mais? Um escrito com a letra dela.”

“Já tem aí.”

“Alguma coisa do passado.”

Roland levantou-se com Lawrence nos braços. “Talvez tenha sido um erro envolvê-lo numa questão pessoal.”

O detetive já estava seguindo na frente em direção à escada. “Talvez.”

Chegando ao estreito patamar, Roland disse:

“Primeiro tenho que cuidar do bebê.”

“Espero aqui.”

Quando voltou cinco minutos depois com Lawrence pendurado no quadril, encontrou Browne em seu quarto de dormir,

diminuindo-o rudemente com seu porte avantajado ao se postar diante da janela, próximo à pequena mesa em que Roland trabalhava. Como antes, o bebê o olhou com assombro. Um caderno de notas e três cópias datilografadas de poemas recentes estavam espalhados em volta da máquina de escrever, uma Olivetti portátil. No quarto mal iluminado que dava para o norte, o detetive segurava uma página contra a luz.

“Desculpe. Isso é particular. Você está sendo intrometido pra cacete.”

“O título é bom.” Ele leu sem ênfase: “*Glamis assassinou o sono*. Glamis. Bonito nome de mulher. Galês”. Pôs a página sobre a mesa e se encaminhou na direção de Roland e Lawrence ao longo do estreito espaço entre o pé da cama e a parede.

“Não são palavras minhas, e o nome é escocês.”

“Quer dizer que você não vem dormindo bem?”

Roland o ignorou. A mobília do quarto havia sido pintada por Alissa numa cor verde-clara com desenhos em azul de uma folha e uma semente de carvalho. Abriu uma gaveta para Browne. Os suéteres estavam cuidadosamente dobrados em três fileiras. Os vários perfumes dela geravam uma leve fragrância mista, uma história cheia de detalhes. O momento em que se conheceram recoberto pela hora em que se falaram pela última vez. Era demais para ele, seus perfumes e a súbita presença da mulher, obrigando-o a recuar um passo como se ofuscado por uma luz forte.

Browne curvou-se com esforço e pegou o suéter mais próximo. Caxemira preta. Dobrou para enfiar com mais facilidade num de seus sacos plásticos.

“E o exemplar da minha caligrafia?”

“Já peguei.” Browne endireitou o corpo e deu um tapinha onde o volume da câmera era visível no bolso do casaco. “Seu caderno de notas estava aberto.”

“Sem minha permissão.”

“Em que lado ela dormia?” Ele estava olhando para a cabeceira.

Roland sentia-se furioso demais para responder. No criado-mudo dela, em cima de um livro de bolso, havia uma presilha de cabelo vermelha com dentes de plástico. Browne apanhou o livro pela beirada: *Katz und Maus*, Günter Grass. Delicadamente, abriu a capa e olhou as páginas de dentro.

“Anotações dela?”

“Sim.”

“Já leu esse livro?”

Roland confirmou com a cabeça.

“Este exemplar?”

“Não.”

“Bom. Podíamos chamar os peritos técnicos, mas nesse estágio acho que não vale a pena.”

Roland, recuperando o controle, tentou dar um tom de conversa a seu comentário. “Pensei que estávamos no começo do fim dessa história de impressões digitais. O futuro são os genes.”

“Besteirada na moda. Não enquanto eu viver. Ou você.”

“Sério mesmo?”

“Ou ninguém.” O detetive encaminhou-se para o patamar. “O que você precisa entender é o seguinte. Um gene não é uma coisa. É uma ideia. Uma ideia sobre uma informação. Uma impressão digital é uma coisa, um vestígio.”

Os dois e o bebê desceram a escada. Lá embaixo, Browne se voltou. Sobraçava o saco transparente com o suéter de Alissa. “Não investigamos a cena de um crime procurando ideias abstratas. Estamos procurando vestígios de coisas reais.”

Foram interrompidos mais uma vez por Lawrence. Abrindo os braços de repente, ele lançou um grito a plenos pulmões que começou com uma consoante explosiva, um bê ou um pê,

enquanto apontava sem motivo para uma parede com o dedo molhado. O som era um treino. Segundo Roland em geral presumia, para as conversas de toda uma vida. A língua precisava preparar-se para o que quer que viesse a dizer.

Browne caminhava pelo corredor. Roland, seguindo atrás, disse com um riso:

“Espero que não esteja insinuando que esta é a cena de um crime.”

O detetive abriu a porta da frente, saiu e se voltou. Atrás dele, estacionado com dois pneus sobre a calçada, estava seu pequeno carro, um Morris Minor azul-claro. O sol baixo da manhã acentuava as bochechas caídas de seu rosto. Seu ímpeto professoral não foi muito persuasivo.

“Eu tinha um sargento que dizia que onde tem gente tem uma cena de crime.”

“Me parece uma besteirada completa.”

Mas Browne já tinha dado meia-volta e não ouviu. Pai e filho ficaram vendo o homem descer o curto caminho atapetado de ervas daninhas até o portão quebrado do jardim, que nunca fechava. Na calçada, levou meio minuto mexendo nos bolsos atrás das chaves. Por fim as encontrou e abriu a porta. E num único movimento, numa torção ágil do corpanzil, entrou de costas no carro e bateu a porta atrás de si.

Assim começou o dia de Roland, um dia frio da primavera de 1986, e ele já sentia o peso. As tarefas, a inutilidade agora com um elemento novo, a sensação desordenada e sórdida de ser um suspeito. Se é que era suspeito. Quase um culpado. Um fato — assassinato da esposa — estava grudado nele como uma crosta de comida no rosto de Lawrence. Coitadinho. Ficaram observando enquanto o carro do detetive ia tentando avançar pelo tráfego.

Perto do portão olhou para a árvore nova e fina sustentada por um tronco de bambu. Uma acácia. A vendedora garantia que ia dar flores, mesmo com a fumaça dos veículos. Do umbral, Roland sentia como se tivesse saído de algum lugar esquecido e ido parar na vida de outra pessoa, tudo ao redor parecendo aleatório e independente da sua vontade. A casa que nunca tinha querido comprar e que estava acima de suas posses. A criança em seus braços que nunca tinha esperado ou precisado amar. O trânsito fortuito que se movia lento demais diante do portão que agora era seu e que nunca iria consertar. A frágil acácia que nunca teria pensado em comprar. O otimismo ao plantá-la que não era mais capaz de sentir. Sabia que a única forma de escapar desse estado de desassociação era executar uma tarefa simples. Resolveu ir até a cozinha limpar o rosto do filho, e decidiu que o faria com ternura.

No entanto, ao fechar a porta com um pontapé, teve outra ideia. Agora com um único pensamento na mente, subiu a escada com Lawrence a tiracolo para examinar seu caderno de notas. Não conseguia lembrar da última entrada. Nove poemas publicados em revistas literárias num período de quinze meses — o caderno era o símbolo de sua seriedade. Compacto, com tênues linhas cinzentas, capa dura azul-marinho e uma lombada verde. Não permitiria que se transformasse num diário, registrando as minúcias da evolução do bebê, ou as flutuações de seu próprio estado de espírito, ou reflexões forçadas sobre eventos públicos. Lugar-comum demais. Sua escrita era superior. Seguir as pegadas obscuras de uma ideia refinada capaz de conduzir a um bem-afortunado estreitamento, um ponto candente, um foco súbito de luz pura capaz de iluminar o primeiro verso que contaria a chave secreta para os que viriam a seguir. Aconteceu antes, mas esperar por isso, ansiar para que acontecesse de novo, não garantia. A ilusão necessária consistia em que o melhor poema

até hoje escrito estava a seu alcance. Estar lúcido não ajudava. Nada ajudava, ele tinha a obrigação de sentar e aguardar. Às vezes cedia e preenchia uma página de diário, com débeis reflexões de sua própria lavra ou passagens de outros escritores. A última coisa que desejava. Tinha copiado um parágrafo de Montaigne sobre a felicidade. Não tinha interesse na felicidade. Numa entrada mais antiga, parte de uma carta de Elizabeth Bishop. Não adiantava folhear, só fazia parecer que estava trabalhando. Seamus Heaney disse certa vez que o dever de um escritor era se postar diante da mesa. Sempre que o bebê tirava uma soneca, Roland comparecia ao batente e esperava, quase sempre terminando com a cabeça encostada na mesa, dormindo.

O caderno estava aberto, como Browne o deixara, à direita da máquina de escrever. Ele não deve ter precisado movê-lo para tirar as fotografias. A luz da janela de guilhotina era fria e estável. Os versos estavam no alto da página da esquerda: seus anos de adolescência transformados, o curso da vida desviado. Recordação, feridas, tempo. Certamente um poema. Ao pegar o caderno, o bebê se atirou para alcançá-lo. Roland o afastou, provocando um guincho de protesto. Atrás da máquina de escrever, acumulando pó, havia uma bola de *fives*. Ele nunca praticou o esporte, mas a apertava todos os dias a fim de fortalecer o pulso machucado. Foram para o banheiro limpar o rosto do bebê e lavar a bola. Alguma coisa para Lawrence morder com as gengivas. Funcionou. Deitaram-se na cama de costas, lado a lado. O menininho, com pouco mais de um terço do comprimento do pai, chupava e mastigava. A passagem não era como Roland se recordava, pois a lia através dos olhos de um policial. O que não parecia fazer bem ao texto.

Quando dei um basta, ela não lutou contra mim. Sabia o que havia feito. Quando o assassinato pairou sobre o mundo inteiro. Ela

continua enterrada, mas em noite insone salta das trevas. Senta-se perto do banco do piano. Perfume, blusa, unhas vermelhas. Vívida como sempre, apesar da terra da cova nos cabelos. Ah, as tais escadas! Fantasma horrendo. Não vai embora. Sempre na hora errada, quando preciso de calma. Ela precisa continuar morta.

Leu duas vezes. Era perverso culpar as duas mulheres, mas foi o que ele fez: a srta. Miriam Cornell, a professora de piano que interferia em seus assuntos por novos meios, apesar da distância no tempo e no espaço; e Alissa Baines, nascida Eberhardt, esposa amada, que o mantinha preso num mata-leão mesmo estando seja lá onde estivesse. Até se comprovar que estava viva ele não iria se livrar de Douglas Browne. Na medida em que era responsável por moldar a compreensão do policial, Roland também se culpou. Na segunda leitura, pensou que a sua caligrafia era obviamente distinta da que aparecia nos cartões e no bilhete. Sua situação não era assim tão grave. Mas era grave.

Rolou para o lado e olhou para o filho. Eis uma descoberta que demorou a fazer — Lawrence era mais um consolo do que um fardo. A bola de *fives* tinha perdido o encanto e escapara das duas mãos que a seguravam. Pousada sobre um cobertor, brilhava coberta de saliva. Ele contemplava o teto, os olhos cinza-azulados incendiados pela atenção. Os artistas medievais representavam a visão como um raio de luz que se irradia a partir de dentro. Roland seguiu o caminho da luz até as placas antichamas do teto e o buraco com bordas irregulares de onde outrora pendia o candelabro do antigo proprietário. Audacioso para um cômodo baixo de três metros por quatro. Então viu, bem acima deles, uma aranha de pernas compridas subindo de cabeça para baixo rumo a um canto do quarto. Tanto propósito numa cabeça tão diminuta. A aranha parou de subir de repente, balançando-se nas pernas finas como cabelos, gingando como se movida por uma

melodia oculta. Alguém saberia dizer o que ela estava fazendo? Nenhum predador para enganar, nenhuma outra aranha para seduzir ou intimidar, nada que a impedisse de subir. Mas ainda assim ela esperava, dançando no mesmo lugar. Quando a aranha enfim retomou seu caminho, a atenção de Lawrence já estava longe. Virando a cabeça desproporcional ao corpo e vendo o pai, seus membros entraram em espasmos, as pernas se esticando e dobrando, os braços se movendo em todas as direções ao mesmo tempo. Era um belo trabalho. Ele estava se comunicando, parecia quase interrogativo. Olhos grudados nos de Roland ao sacudir as pernas de novo, esperando com um semissorriso de expectativa. *O que ele queria?* Ele queria ser admirado por seus feitos. Para que um bebê de sete meses se exibisse daquela forma era preciso que ele tivesse uma noção de como eram as mentes como a dele e do que significava ficar impressionado, como seria desejável e prazeroso ganhar o afeto de outros. Impossível? Estava bem ali. Complicado demais para entender.

Roland fechou os olhos e se brindou com uma sensação de que estava girando devagar. Ah, dormiria agora, se o bebê dormisse também, se pudessem dormir juntos ali na cama, mesmo por cinco minutos. Mas os olhos fechados do pai sugeriram a Lawrence um universo que se murchava numa escuridão gélida, deixando-o como único sobrevivente, sentindo frio e rejeição, numa praia deserta. Respirou fundo e urrou, um uivo patético e penetrante de abandono e desespero. Para seres humanos impotentes e sem linguagem, era uma grande coisa mudar violentamente de uma emoção para outra. Uma forma grosseira de tirania. Os tiranos do mundo real eram com frequência comparados a crianças pequenas. Será que as alegrias e tristezas de Lawrence eram separadas pela mais fina gaze? Ou nem isso. Elas estavam embrulhadas bem juntinho umas das outras. Tendo se recuperado, quando Roland estava no topo da escada carregando o bebê,

o contentamento foi restaurado. Lawrence agarrou-se ao lóbulo da orelha do pai. Ao descerem, pesquisou seu pavilhão auricular com estocadas desajeitadas.

Não eram nem dez da manhã. O dia seria longo. Já era longo. No corredor, o rastro enlameado dos sapatos nos ladrilhos eduardianos de má qualidade o levaram de volta a Browne. Sim, sim, era ruim. Mas ali estava o lugar por onde começar. Eliminar. Com uma das mãos, pegou um esfregão, encheu um balde e limpou a sujeira, espalhando-a por toda parte. Era assim que se limpava a maioria das sujeiras, reduzindo-as a camadas tão finas que se tornavam invisíveis. O cansaço transformava tudo em metáfora. As tarefas domésticas faziam com que se ressentisse das exigências e atrações da vida lá fora, resistindo a elas. Duas semanas atrás havia se aberto uma exceção. Assuntos internacionais invadiram seu passado. Caças norte-americanos atacaram Trípoli, na Líbia, e destruíram a velha escola primária onde estudou, embora não tenham matado o coronel Gaddafi. Ler sobre o que Reagan, Thatcher ou algum ministro dela disseram só fazia Roland sentir-se excluído e culpado por não prestar atenção em nada do que diziam. Mas era hora de manter os pés no chão e ser fiel ao que se impusera como obrigação. Pensar menos tinha seu valor. Gerenciar o cansaço e cuidar do que era essencial, o bebê, a casa, as compras. Não tinha lido um jornal em quatro dias. O rádio da cozinha, ligado baixinho o dia todo, às vezes se valia de uma voz tranquila que exalava uma urgência máscula para o atrair. Ele tentava ignorar o chamado ao passar com o balde e o esfregão. *Isto é para você*, a voz murmurou. *Distúrbios em dezessete penitenciárias. Quando você estava ativo no mundo era exatamente esse tipo de coisa que despertava a sua atenção... Uma explosão... detalhes vieram à tona quando as autoridades suecas relataram radioatividade...* Ele acelerou o passo. Continue se mexendo, não cochile, não feche os olhos.

Depois do corredor, passou para a cozinha enquanto Lawrence, sentado na cadeira, comia uma banana e brincava com ela. Limpou a mesa e a pia. Levou Lawrence para cima. Nos dois quartos, a ordem que impôs foi cosmética, mas pelo menos interrompeu o deslizamento rumo ao caos. O mundo parecia um pouco mais razoável. No fim, restou no topo da escada uma pilha de roupas para a máquina de lavar. Alissa não faria melhor. Na verdade — mas não, hoje não iria pensar nela.

Mais tarde, Lawrence esvaziou uma mamadeira e dormiu, permitindo que Roland fosse para o quarto ao lado. Em vez de dormir, tinha em mente fazer algumas alterações no poema sobre a insônia. “Glamis.” De maneira superficial — ele não conhecia o suficiente sobre o assunto —, o poema era sobre os conflitos na Irlanda do Norte. Em 1984, ele passara alguns dias em Belfast e Derry com um amigo irlandês de Londres, Simon, um idealista que acabou fazendo fortuna com uma cadeia de academias de ginástica. A ideia de Simon era abrir algumas filiais de tênis para crianças nos dois lados da fronteira. Roland seria o treinador principal. Estavam pesquisando as melhores localizações e buscando apoio local. Eram inocentes, bobos. Foram seguidos, ou pensaram ter sido. Num pub em Knockloughrim, um sujeito numa cadeira de rodas — devido a um tiro na rótula, eles decidiram — os aconselhou a “tomar cuidado”. O sotaque anglicizado de Simon, característico de Ulster, provocava indiferença em toda parte. Nem sinal de crianças interessadas em jogar tênis. Foram mantidos por seis tediosas horas num bloqueio de estrada por soldados britânicos que não acreditaram na história deles. Naquela semana Roland mal dormiu. Chovia, fazia frio, a comida era horrível, as roupas de cama dos hotéis eram úmidas, todo mundo era feio e fumava sem parar. Ele se movia em meio a um pesadelo, relembrando constantemente que seu estado de pavor não era paranoia. Mas era. Ninguém tocou neles, nem sequer os ameaçou.